

# Coro e Orquestra Gulbenkian

**Leonardo García Alarcón**

*Les Indes galantes*

Jean-Philippe Rameau



**19 + 20 out 23**

**19 out 23** QUINTA 20:00

**20 out 23** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Coro e Orquestra Gulbenkian**

**Leonardo García Alarcón** Maestro

**Sophie Junker** Soprano

**Julie Roset** Soprano

**Mathias Vidal** Tenor

**Edwin Crossley-Mercer** Baixo-Barítono

**Jorge Matta** Maestro do Coro Gulbenkian

### **Jean-Philippe Rameau**

*Les Indes galantes*

PROLOGUE

*Ouverture*

PREMIÈRE ENTRÉE

*Le Turc généreux*

DEUXIÈME ENTRÉE

*Les Incas du Pérou*

INTERVALO

(após o n.º 58, "Ária de Phani")

TROISIÈME ENTRÉE

*Les fleurs – Fête persane*

QUATRIÈME ENTRÉE

*Les sauvages*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2H 40 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

# Jean-Philippe Rameau

(Dijon, 1683 – Paris, 1764)

## *Les Indes galantes*

—

LIBRETO Louis Fuzelier

ESTREIA Paris, 23 de agosto de 1735

DURAÇÃO c. 2h 15 min.

Em Paris, no final do século XVII, e após o domínio musical quase absoluto de Jean-Baptiste Lully (1632-1687), emergia a *opéra-ballet*, onde a dança, a música instrumental e o canto se cruzavam num espetáculo ao gosto francês com herança do *ballet de cour*. Os espetáculos de corte, muitas vezes denominados *divertissements* que combinavam poesia e drama, música vocal, dança, figurinos e efeitos cênicos, foram transversais aos reinados dos Bourbon, culminando na regência de Luís XIV com a sua ambição de impressionar a França e o mundo. O *ballet de cour* tinha convencionalmente no final um grande bailado onde o monarca dançava o papel principal.

No reinado de Luís XV (1715-1774), a Académie Royale de Musique, criada no tempo do cardeal Richelieu, continuava a apresentar *tragédies lyriques* (este um género mais operático, mas sempre com bailado) de Lully. Porém, a *opéra-ballet*, agora com inovações nas temáticas, refletindo as mudanças da época e uma estrutura mais apelativa a um público que já não era apenas aristocrata, ganhava protagonismo. Era, nas palavras do historiador Jean François Marmontel (1723-1799), um “*spectacle composé*”, nem teatro nem ópera ou um pouco de ambos.

Em 1733, a primeira ópera de Jean-Philippe Rameau, *Hippolyte et Aricie*, inaugura uma nova era na música dramática francesa e começa a revelar uma forte influência dos ideais iluministas. Rameau viveu os seus primeiros quarenta anos quase no anonimato, mas viria a tornar-se no mais importante compositor francês do século XVIII. Nascido em Dijon, passou brevemente por Milão, foi violinista na ópera de Lyon, organista em Avignon, Clermont e na sua terra natal. Surge definitivamente na cena musical parisiense com a publicação de uma coletânea de peças para cravo e consegue a atenção e respeito dos seus pares com o *Traité de l'harmonie* (1722) que juntamente com outras obras teóricas o envolveriam em controvérsias até ao final da sua vida.

Uma das suas obras de maior sucesso, refletindo os novos gostos e panorama francês, é *Les Indes galantes*, um *ballet heroïque* (conforme o frontispício da partitura) ou *opéra-ballet*, a sua primeira deste género. Estreada em 1735 no teatro do Palácio Real, foi repetida, no seu todo ou parcialmente, cerca de trezentas vezes nos quarenta anos imediatos. Seguiu-se um longo silêncio até ao século XX, onde por ocasião do tricentenário do nascimento do compositor se assistiu

a um ressurgimento das suas obras. O título é uma alusão direta a *L'Europe galante* (1697, repetida em 1724), com música de André Campra, e anuncia um tema novo, o exotismo galante. *Les Indes* refere-se aos índios, no sentido de povos distantes, no contexto do que era o conhecimento ou a visão do mundo no século XVIII. Rameau ter-se-á inspirado nas danças apresentadas pelos chefes da tribo de Mitchigamea do Illinois ao Rei Luís XV, em 1725 no Théâtre-Italien de Paris.

O libreto é de Louis Fuzelier (1672-1752), autor profícuo que abordou diferentes géneros, cómicos e trágicos, e cujos dramas dominaram o repertório dos teatros parisienses. Reflete o fascínio europeu por realidades longínquas e exóticas e pelo desconhecido. Situa a ação em quatro pontos cardeais que desenham o horizonte das terras distantes que habitam a imaginação da época. Porém, o tema matriz e fio condutor é o amor.

A primeira apresentação consistiu apenas num prólogo e dois atos, mas rapidamente os autores acrescentaram as outras secções que constituem a versão final. O público inicialmente mostrou-se confuso com o enredo, os críticos acusaram Fuzelier de criar versos difíceis e uma intriga improvável, e a música revelou-se difícil de compreender. No entanto, os cenários concebidos pelo célebre arquiteto e decorador de teatro Giovanni Niccolò Servandoni (1695-1766), bem como a maquinaria complexa e os figurinos luxuosos impressionaram a audiência. O elenco era de qualidade, com os principais cantores da ópera da *Académie*

e com Marie Sallé e Louis Dupré como primeiros bailarinos.

Rameau, perfeccionista, atento aos ambientes e reações, revê sucessivamente a obra, e no prefácio da edição de 1736, escreve: “Parecendo o público menos satisfeito com as cenas de *Les Indes galantes*, escolhi acreditar no seu julgamento; e é por essa razão que não lhe apresento aqui nada mais do que sinfonias intercaladas com árias cantadas, *ariettes*, recitativos medidos, duetos, trios, quartetos e coros, tanto no prólogo como nas três primeiras entradas, que perfazem mais de vinte e quatro peças separadas, das quais formei quatro grandes concertos em diferentes tons”.

A estrutura da obra permite pois que a mesma seja apresentada em partes independentes, o que contribuiu para o seu sucesso comercial, também do ponto de vista da edição e distribuição das partituras. As intrigas autónomas de cada um dos atos reclamam menos concentração da parte do espectador, e os diferentes registos (ou tons) de cada ato, dramático, trágico, bucólico e cómico, também favorecem uma boa aceitação da obra pelas audiências.

*Les Indes galantes* é composta por uma *Ouverture* de andamento único, seguida do Prólogo, convencional, alegórico, situado no palácio de Hebe, deusa da juventude, onde se assiste ao eterno combate entre o *Prazer* e a *Guerra*. Serão compatíveis, o amor e a glória? O *Amor* inicialmente arbitra, mas ao longo das diversas entradas acaba por se mostrar vitorioso, revelando a sua capacidade de trazer finais felizes e

harmoniosos, em qualquer lugar, em qualquer cultura, até entre os povos “selvagens”. Aliás, a ideia geral da obra é mostrar que as populações ditas indígenas mantêm uma virtude inata devido à sua falta de contato com a “civilização”. São mais virtuosas do que os europeus, por vezes cínicos, gananciosos, até cruéis. Seguem-se quatro atos (*entrées*) situados na Turquia, na Pérsia, no Perú da civilização inca e na América do Norte, os quatro cantos do mundo conquistados pelas jovens nações europeias.

Rameau é inovador, expandindo a função da música na ópera e do uso da dança ao serviço da ação dramática. A instrumentação é definida pelas tessituras e funções – grave/agudo – mais do que pelos timbres, mas a orquestração é cuidada. O Prólogo, regular na estrutura, apresenta-nos o virtuosismo da voz de Hebe. As intervenções do coro reiteram a chamada ao amor da deusa da juventude, mas também o convite à glória feito por Belona (espírito da guerra). *Le Turc généreux* tem início com um *ritournelle* em estilo fugato à *l'allemande*; destaca-se a cena da tempestade, uma sinfonia com

trémulos e notas repetidas em fusas nas cordas, e escalas em figurações rápidas no registo agudo das flautas. O terceiro ato, *Les Incas du Pérou* é construído como uma *tragédie lyrique* em miniatura, ao estilo de Lully, e explora uma paleta de cores mais dramática e violenta. Depois das cenas iniciais pouco consistentes, *L'adoration du Soleil* revela-se uma passagem de grande novidade, com a orquestra a retratar uma erupção vulcânica. A ária de Huascar revela o domínio de Rameau da polifonia e da orquestração, também ao serviço da caracterização da personagem. *Les fleurs* é um grande *divertissement*, mais bailado do que ópera, onde a música e a dança prevalecem. “Papillon inconstant” é uma *aria di bravura* à francesa, de inspiração italiana, mas a grande qualidade musical surge no quarteto “Tendre amour”. A última entrada, *Les sauvages*, tem como base a dança retirada das *Nouvelles pièces de clavecin* (1728) e a *Chaconne* final, um desafio coreográfico para Louis Dupré na estreia, contém duzentos compassos de pura criatividade melódica e rítmica e de elaboração orquestral.

SUSANA DUARTE

# Sinopse

## PROLOGUE

Hebe, deusa da juventude, lamenta que os homens jovens da Europa estejam a abandonar os prazeres do amor e a ser atraídos por Belona, deusa da guerra, e pelas suas promessas de glória. Cupido e suas tropas descem das nuvens, enquanto Hebe incentiva os jovens a irem para terras exóticas e distantes em busca do amor.

## PREMIÈRE ENTRÉE

### **O Turco Generoso**

O paxá turco Osman ama Émilie, que foi capturada por piratas e vendida como escrava. Ela rejeita-o, permanecendo fiel ao seu amante perdido, Valère, que naufragou e que logo aparece como outro prisioneiro de Osman. Os homens reconhecem-se pois, em tempos, os seus papéis tinham sido os opostos: Osman era o prisioneiro e Valère libertou-o. Com o coração partido e com inveja do seu amor, Osman retribui o favor e generosamente concede-lhes a liberdade, bem como navios e presentes. Alegrementemente reunidos, Émilie e Valère enfrentam os mares tempestuosos de regresso a casa.

## DEUXIÈME ENTRÉE

### **Os Incas do Perú**

A princesa inca Phani e o espanhol Don Carlos estão apaixonados. No entanto, ela teme que o seu povo, embora conquistado pelos espanhóis, não aceite bem o amor entre ambos. Em particular, o Sumo Sacerdote Inca Huascar que está apaixonado por ela e que apela ao seu orgulho nacional e ao seu medo dos deuses para o aceitar. Os Incas reúnem-se perto de um vulcão para celebrar o Festival do Sol. Huascar continua a perseguir

Phani, invocando o deus sol e causando a erupção do vulcão. Don Carlos chega para resgatar a aterrorizada Phani. Frustrado e enfurecido, Huascar invoca o vulcão e morre sob as rochas derretidas e a lava.

## TROISIÈME ENTRÉE

### **As Flores – Festival Persa**

O príncipe Tacmas, embora noivo de Fátima, está realmente apaixonado por Zaïre, escrava do seu conselheiro Ali. Este, por sua vez, está apaixonado por Fátima. No início da entrada, Tacmas surge disfarçado de vendedora para poder espiar Zaïre durante o Festival das Flores e para ver se ela retribui o afeto. Inconscientemente, ela revela que sim. Fátima, por sua vez, surge disfarçada de homem para espiar Ali, o homem que ela ama. Os dois casais recompõem-se, cantam um lindo quarteto de amor e celebram o Festival das Flores com música e dança.

## QUATRIÈME ENTRÉE

### **Os Selvagens**

Numa floresta da América do Norte, perto das colónias francesa e espanhola, Adario, um bravo índio, está apaixonado por Zima, filha do chefe. No entanto, Zima é também alvo de desejo do espanhol Don Alvar e do francês Damon. Os dois colonizadores competem entre si para cortejar Zima, mas ela acaba por rejeitar o espanhol por ser muito ardente e o francês por ser muito inconstante. A sua escolha recai sobre um homem do seu próprio povo, o nobre Adario. Damon diz a Don Alvar para não dar muita importância a isso e todos se reúnem para celebrar a Cerimónia do Grande Cachimbo da Paz.

## Leonardo García Alarcón

Natural de La Plata, na Argentina, Leonardo García Alarcón estudou piano antes de viajar para a Europa em 1997. Ingressou no Conservatório de Genebra, na classe da cravista suíça Christiane Jaccottet, e complementou a sua formação teórica no Centro de Música Antiga de Genebra. Foi assistente do maestro Gabriel Garrido (Ensemble Elyma) e trabalhou também com John Eliot Gardiner e Philippe Herreweghe, vindo a afirmar-se, em poucos anos, como músico de topo no domínio da música barroca. Fundou o agrupamento Cappella Mediterranea, especializado na música barroca europeia e sul-americana. A esta responsabilidade juntou a liderança da Millennium Orchestra, agrupamento que fundou para acompanhar o Coro de Câmara de Namur, do qual é diretor artístico. Divide o seu tempo entre a França, a Bélgica, a América do Sul e a Suíça, tendo-se dedicado à recuperação e direção de obras esquecidas de compositores como Sacrati, Draghi, Falvetti, Rossi ou Cavalli. Muito relevante tem sido o trabalho de Alarcón em torno das obras de Francesco Cavalli: em 2016 dirigiu *Eliogabalo* na abertura da temporada da Ópera de Paris, além de *Il Giasone*, em Genebra. Em 2017 dirigiu *Erismena* no Festival d'Aix-en-Provence. *La finta pazza*, de Francesco Sacrati, *El Prometeo*, de Antonio Draghi, são outros exemplos de importantes recuperações musicais, ambas apresentadas na Ópera de Dijon. Em 2018 dirigiu *L'Orfeo* de Monteverdi na Berlin Staatsoper, e em 2019 *Les Indes galantes* de Rameau, na Ópera da Bastilha. Em 2022 dirigiu um anova produção da célebre *Atys* de Lully, em Genebra e em Versalhes, e *Acis and Galatea* de Händel no Concertgebouw de Amesterdão. Em 2019 foi-lhe atribuído o título de *Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres* pelo governo francês.

## Sophie Junker

Depois de concluir os seus estudos na Bélgica e em Londres, Sophie Junker venceu a London Handel Competition (2010) e o Concurso Cesti do Festival de Música Antiga de Innsbruck (2012). Estabeleceu uma relação especial com a Opéra Royal de Wallonie e a Angers-Nantes Opéra e estreou-se nos E.U.A. em 2016, tendo interpretado Cleis (*Sapho* de Martini), e Hélène (*Une éducation manquée* de Chabrier). Mais recentemente, interpretou Cunegunda, em *Gismondo* de L. Vinci (Viena, Moscovo, Dortmund e Bayreuth), Venere, em *La divisione del mondo* de Legrenzi (Estrasburgo, Mulhouse, Colmar, Nancy e Colónia), e Eurilla, em *Il Pastor Fido* de Händel (Gliwice e Festival Händel de Halle). Estreou-se na Staatsoper Berlin no papel de Drusilla (*L'Incoronazione di Poppea*), sob a direção de Diego Fasolis. No Rokokotheater Schwetzingen, na Alemanha, cantou o papel principal em *Die Getreue Alceste* de Schürmann, com Christina Pluhar. Outros brilhantes desempenhos incluem: Angelica, em *Orlando Furioso* de Vivaldi (La Seine Musicale); Clori, em *Egisto* de Cavalli (Ópera Real de Versalhes) e Asteria, em *Tamerlano* de Händel (Sala Tchaikovsky, Moscovo). Em 2022 estreou-se no papel de Cleópatra, em *Giulio Cesare* de Händel, sob a direção de George Petrou (Reisopera e Festival Händel de Göttingen). Entre outras grandes obras de concerto, cantou a *Paixão segundo São João* de J. S. Bach, com o Collegium 1704 (Paris, Praga, Dresden e Dortmund), *A Criação* de Haydn, com a Orquestra Nacional Russa, *Les Grands Motets* de Lully, com o Namur Chamber Choir e L. G. Alarcón, e o *Requiem* de Fauré, no Concertgebouw de Amesterdão. Em 2020, o seu primeiro álbum a solo, *La Francesina*, foi lançado pela editora Aparté, edição que recebeu um *International Classical Music Award* e o *Trophée Forum-Opéra*.

## Julie Roset

Julie Roset estudou no Conservatoire du Grand Avignon e na Escola Superior de Música de Genebra. Em 2022 obteve o diploma em Estudos de Ópera na Juilliard School e venceu o Concurso Laffont da Metropolitan Opera. Na temporada passada, obteve grande sucesso como Zémire, em *Zémire et Azor* de Grétry, na Opéra Comique.

Na temporada 2023-2024 assinala-se a sua estreia na Ópera de Paris, como Amor, em *Médée* de Charpentier, sob a direção de William Christie, uma digressão europeia com o Ensemble Pygmalion e Raphaël Pichon (*Elias* de Mendelssohn) e uma versão encenada de *A Criação* de Haydn, na Opéra National de Lorraine, com direção musical de Marta Gardolińska.

Começando a deixar a sua marca nos palcos de ópera, a soprano francesa apresentou-se no Festival d'Aix-en-Provence, com o maestro L. G. Alarcón, e na Ópera do Reno, com Raphaël Pichon (*L'incoronazione di Poppea*). Estreou-se em Paris, na Opéra Comique, no papel de Amor, em *Titon et l'Aurore* de Mondonville, com Les Arts Florissants e William Christie. Outros destaques incluem *A flauta mágica* (Papagena), na Ópera de Toulon, e *Orfeo ed Euridice* (Amor) de Gluck, na Philharmonie de Paris.

Em concerto, Julie Roset interpretou, entre outras obras, *Il re pastore* de Mozart, no Festival de Salzburgo, com a Mozarteum Orchestra e Adam Fischer, a *Oratória de Natal* de J. S. Bach, com a Sinfónica de Stavanger e Ottavio Dantone, *A Criação* de Haydn, com Le Concert de la Loge e Julie Chauvin, e *Acis and Galatea*, com a Filarmónica da Radio France e L. G. Alarcón.

As gravações de Julie Roset incluem um registo de obras de Händel, intitulado *Salve Regina*, com a Millenium Orchestra, *Lamenti e Sospiri* de Sigismondo d'India, com a Cappella Mediterranea, e *Dido e Eneias* de Purcell, com Les Argonauts.

## Mathias Vidal

Mathias Vidal estudou musicologia na Universidade de Nice e canto com Christiane Patard. Diplomou-se pelo Conservatório de Paris em 2003. Participou em muitas óperas de Rameau, Lully, Campra, Boismortier, Monteverdi, Purcell e Cavalli, bem como em operas cómicas e operetas, incluindo *La vie Parisienne*, *La Périchole*, *Fra Diavolo*, *La belle Hélène*, *Le dilettante d'Avignon*, *Les Chevaliers de la Table ronde* e *La fille de Madame Angot*. O seu repertório inclui também papéis como Nemorino (*L'elisir d'amore*), Ernesto (*Don Pasquale*), Elvino (*La sonnambula*), Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Ramiro (*La Cenerentola*) e o papel principal de *Le Comte Ory*. Também interpreta o repertório romântico francês, bem como obras do século XX e contemporâneas.

Nas últimas temporadas, integrou os elencos de *Les Boréades* (Abaris), em Oldenburg e Dijon, *Les Indes galantes* (Valère e Tacmas), *Platée* (Thespis), *A flauta mágica* (Tamino), em Avignon e Versalhes, *Così fan tutte* (Ferrando), em Toulouse, *Don Pasquale* (Ernesto), em Oldenburg, *Orphée aux Enfers* (Aristée e Pluton), na Komische Oper Berlin, *Orlando Paladino*, *Orphée et Eurydice*, *Fausto*, *Salomé* e *O Morcego*, entre outras óperas. Os seus compromissos para a presente temporada incluem: *Os pescadores de pérolas* (Nadir), no Capitólio de Toulouse; o papel principal em *Platée* de Rameau, na Ópera de Zurique; *Les Boréades* (Abaris), em Oldenburg; o papel principal em *Atys*, de Lully, em Avignon e no Théâtre des Champs-Élysées; *O rapto do serralho* (Belmonte), em Versalhes (versão francesa), bem como participações em concerto, com destaque para *Lélio* de Berlioz, com a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, e para colaborações com o Stradivaria Ensemble e com La Chapelle Harmonique.

## Edwin Crossley-Mercer

Edwin Crossley-Mercer ascendeu a um lugar de destaque entre os cantores franceses da sua geração. Depois de concluir a sua formação em Versalhes e Berlim, estreou-se nos palcos de ópera em 2006, em Berlim, no papel principal de *Don Giovanni* de Mozart. Na presente temporada, os seus compromissos incluem: *Armide* (Hidraot), na Ópera Comique; *Moïse et Pharaon*, na Ópera Nacional de Lyon; *Tannhäuser* (Biterhof), no Festival de Salzburgo; e *Le Prophète* (Oberthal), no Festival d'Aix-en-Provence. Recentemente, interpretou Don Alfonso e Guglielmo (*Così fan tutte*), na Ópera de Zurique e na Ópera de Paris; Dandini (*La Cenerentola*), Don Fernando (*Fidelio*), Rodomonte (*Orlando Paladino*) e Reimann (*Lear*), na Ópera da Baviera; Ned Keene (*Peter Grimes*) e Walter Furst (*Guillaume Tell*), no Theater an der Wien. É também muito solicitado para interpretar o repertório barroco francês. Em concerto, colaborou com prestigiadas orquestras como a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Viena, a Filarmónica de Los Angeles ou a Sinfónica de Londres. Cantou *L'Enfance du Christ* e *La Damnation de Faust* de Berlioz, com a Orquestra Nacional de França, *Dido e Eneias* de Purcell, com o Coro e a Orquestra Gulbenkian, e a 9.<sup>a</sup> Sinfonia de Beethoven, com a Orquestra do Ulster. Apresenta-se regularmente em recital, incluindo o Carnegie Hall, o Musée d'Orsay (*Die Winterreise*, *Die Schöne Magelone*) e as "Folles Journées" de Nantes e de Tóquio. Recebeu o *2007 HSBC Foundation Award* e o *Lili and Nadia Boulanger Voice Prize*. Nomeado duas vezes para os prémios *Grammy*, gravou muitas peças de música barroca, bem como canções de Nadia Boulanger. Da sua colaboração com o compositor americano Michael Linton resultaram dois álbuns: *Carmina Catulli* e *Songs of Oscar Wilde*. *Die Winterreise*, de Schubert, foi o seu primeiro álbum de *Lieder*, lançado em 2001.

## Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris.

O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

# Orquestra Gulbenkian

## SOPRANOS

Daniela Matos  
Filipa Passos  
Isabel Cruz Fernandes  
Maria José Conceição  
Mariana Moldão  
Sara Afonso

## CONTRALTOS

Fátima Nunes  
Inês Martins  
Joana Nascimento  
Mafalda Borges Coelho  
Patrícia Mendes  
Rita Tavares

## TENORES

Artur Afonso  
Francisco Cortes  
Gerson Coelho  
Jorge Leiria  
João Barros  
Simão Pourbaix

## BAIXOS

Gonçalo Freitas  
João Costa  
José Bruto da Costa  
Miguel Jesus  
Pedro Casanova  
Rui Bôrras

---

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Fátima Pinho  
Marta Ferreira de Andrade  
Joaquina Santos  
Ricardo Pereira

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

# Orquestra Gulbenkian

## PRIMEIROS VIOLINOS

Vladimir Tolpygo CONCERTINO\*  
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR  
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
David Wahnou  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria Balbi  
Maria José Laginha  
Otto Pereira  
Flávia Marques  
Catarina Ferreira  
Matilde Araújo  
Piotr Rachwall

## SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Cecília Branco 2º SOLISTA  
Jorge Teixeira  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Margarida Queirós  
Camille Bughin  
Francisca Fins  
Asilkan Pargana  
Miguel Simões  
Félix Duarte

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA  
Lu Zheng 1º SOLISTA  
João Tiago Dinis 2º SOLISTA  
Maia Kouznetsova  
Nuno Soares  
Sara Moreira  
Maria Inês Monteiro  
Sara Farinha  
Márcia Marques  
Raquel Noemi\*

## VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA  
Marco Pereira 1º SOLISTA  
Martin Henneken 2º SOLISTA  
Jeremy Lake  
Raquel Reis  
Gonçalo Lélis  
Hugo Paiva  
João Valpaços

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA  
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA  
Manuel Rego 2º SOLISTA  
Marine Triolet  
Miguel Menezes  
Diogo Pereira

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA  
Sónia Pais 1º SOLISTA  
Amalia Tortajada 2º SOLISTA  
Gabriela Alves Martins 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA  
Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR  
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA  
CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA  
Telmo Costa 1º SOLISTA  
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA  
CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA  
Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR  
Raquel Saraiva 2º SOLISTA  
CONTRAFAGOTE  
Ana Maria Castro 2º SOLISTA\*

## TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Pedro Freire 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 1º SOLISTA\*

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

## TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

## CRAVO

Miguel Jalôto 1º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

---

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

Ricardo Pereira

MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
VASP DPS

Lisboa,  
Outubro 2023

